

As Filhas de Maria: histórias de mulheres em Nova Trento

Elis Facchini¹

A presente pesquisa tem o objetivo de apresentar histórias de mulheres participantes de uma instituição vinculada à Igreja Católica, no município de Nova Trento-SC, intitulada Pia União das Filhas de Maria. Este trabalho foi iniciado ainda durante a graduação em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade do Vale do Itajaí e, neste ano (2017), foi lançado em formato de livro, com o título *Devote della Vergine: histórias de mulheres em Nova Trento*. No mestrado em Ciência da Religião, iniciado em 2017, a proposta é ir além: investigar a atuação das Filhas de Maria, dando vez e voz às mulheres que atuaram na entidade, averiguando as influências da Igreja Católica entre essas mulheres e suas descendentes.

Para compreender melhor o contexto em que Nova Trento-SC está inserido, vale pontuar que o município recebeu uma grande leva de imigrantes, no final do século 19 (1875), oriundos, principalmente, da região do Trentino-Alto Ádige, norte da Itália². De lá, os imigrantes trouxeram sua forte ligação com a religiosidade católica, especialmente em relação aos seus santos de devoção. Não por acaso, construíram e batizaram mais de 30 igrejas e capelas, que hoje estão espalhadas por toda a extensão territorial do pequeno município de Nova Trento³. Em meio a estas expressivas manifestações religiosas, Amábile Lúcia Visintainer, hoje Santa Paulina, cresceu e se criou. Também bastante apegada aos costumes religiosos, fundou diversas instituições. Entre elas estavam: a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição e a Pia União das Filhas de Maria. Se não ajudava a fundar, Amábile incentivava a criação de outras instituições, tanto masculinas, femininas ou

¹ É graduada em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), pós-graduada em Estudos Literários pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e, atualmente, é mestranda em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. Participa do grupo de pesquisa Gênero, Religião e Política (GREPO), coordenado pela sua atual orientadora no mestrado, Maria José Fontelas Rosado-Nunes.

² Importante ressaltar que quando a imigração se inicia, o Trentino-Alto Ádige não fazia parte da Itália e, sim, do Império Austro-Húngaro. O Trentino só foi unificado à Itália em 1919, após a Segunda Guerra Mundial.

³ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Nova Trento possui hoje pouco mais de 14 mil habitantes.

mistas, que tinham como lema a adoração ao Sagrado Coração de Jesus, a manutenção das tradições e a disciplina. Empreendedora, Amábile possibilitou que pelo menos uma das instituições se mantivesse viva até os dias de hoje⁴. Atualmente é adorada como Santa, num santuário cercado pela natureza no bairro Vígolo, distante cinco quilômetros do centro de Nova Trento.

A partir desses fatos, é possível compreender a importância destas instituições que coordenavam e *moldavam* as pessoas na comunidade. Porém, a grande dificuldade da pesquisa durante a graduação foi encontrar literatura para fundamentar o trabalho. Por isso, a alternativa foi dar vez e voz às mulheres que participaram da Pia União das Filhas de Maria, que é foco da pesquisa. A proposta, então, é “ajudar a fazer com que as pessoas comuns confiem em sua própria fala” (THOMPSON, 1998, p. 42).

Além dos relatos das mulheres participantes, outra alternativa foi averiguar se os livros de atas da instituição ainda existiam. Estes, por sua vez, estavam preservados junto à Paróquia São Virgílio de Nova Trento. No total, foram encontrados cinco livros: registro das aspirantes à Pia União das Filhas de Maria, diário das reuniões, livro das reuniões do conselho, cartas referentes à Pia União e o livro oficial, com todas as diretorias constituídas, incluindo nos registros a *direttrice*: *Suor Paolina del Cuore Agonizzante di Gesù* (diretora: Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus). Boa parte das atas estavam escritas na língua italiana, o que tomou certo tempo da pesquisadora, já que esta passou algumas horas lendo, relendo e traduzindo os escritos.

A Pia União das Filhas de Maria começou a ser implantada em Nova Trento no dia 13 de outubro de 1890, mas foi oficialmente aprovada (em Roma, pelo Papa), em outubro de 1902, segundo os arquivos dos padres jesuítas de Porto Alegre (RS)⁵. A instituição foi propagada pela Igreja Católica ainda no século 12, em Roma, e tinha o objetivo de “congregar mulheres solteiras a se conduzir a perfeição, [...] além de promover as virtudes cristãs e preservar a pureza com a proteção da Virgem Maria e de Santa Inês” (FACCHINI, 2017, p. 53). Nos livros de atas das

⁴ É a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, formada por ela, que hoje possui 127 anos de história. Reúne mais de 400 religiosas que, além de atuar na evangelização, estão presentes em diversas missões: educação, saúde e geriatria, assistência social e hospitalidade.

⁵ Uma cópia do Diário dos Jesuítas de Nova Trento em que consta esta informação, está no livro *Devote della Vergine: histórias de mulheres em Nova Trento*, na página 173.

Filhas de Maria há inúmeras citações de *devote della Vergine*, que significa *devotas da Virgem*, e dá nome ao livro citado.

Uma das poucas obras que cita a atuação das Filhas de Maria em Nova Trento é *Vassoura, remédio e rosário – Memórias dos idosos de um ‘mundo fantástico’ em Nova Trento*, monografia de Débora Izabela Ruberti apresentada ao curso de História, da UNIVALI. Para a autora, as Filhas de Maria estavam inseridas “em uma sociedade a qual prezava pela conservação e proteção das solteiras, a fim de mantê-las puras e castas” (RUBERTI, 2002, p. 71). Uma das entrevistadas de Débora, revelou: “Tinha que ser Filha de Maria, não tinha jeito, e dava para contar nos dedos as mulheres que não faziam parte da associação, pois os pais obrigavam” (RUBERTI, 2002, p. 71).

A partir destas informações, foi possível perceber que a pesquisa tinha o papel de preservar a memória social, pois estas mulheres não tiveram oportunidade de contar suas histórias, expressar seus anseios, sonhos e esperanças. Desta forma, o trabalho visou retratar as experiências de vida dentro e fora das instituições religiosas, com o objetivo de preservar a memória das entrevistadas e contribuir no registro social do município.

A pesquisa possibilitou conhecer as obrigatoriedades ou exigências dentro da Pia União das Filhas de Maria. Dentre as regras estavam: ser *de família*, ou seja, pertencer ao círculo de tradições da Igreja Católica e viver naquela comunidade, ir à missa todos os finais de semana, obedecer aos pais e seguir à risca todas as ordens dos padres jesuítas. Essas imposições eram enumeradas e repetidas exaustivamente nos sermões da missa e, em casa, pelas famílias mais austeras. Aquela que desobedecesse a alguma ordem era expulsa da instituição e difamada na frente de todas as integrantes, durante reunião que, geralmente, ocorria aos domingos.

Grande parte das entrevistadas que foram expulsas da instituição preferiram não participar do livro-reportagem elaborado, seja por vergonha ou medo de serem perseguidas novamente pela Igreja. Por isso, as justificativas dos padres jesuítas foram citadas a partir dos relatos que constavam nos livros de atas da instituição. Muitas moças eram afastadas porque gostavam de dançar, respondiam aos pais e à avó, pronunciavam *brutte parole* (palavrões) ou eram *troppo cattivas* (muito bravas). Outras, como a entrevistada Carmela Ceccato Dell’Antônia, foi expulsa por cortar o

longo cabelo e vendê-lo. O objetivo era ajudar na renda da família, que passava necessidades na época. O pai da moça tentou justificar a atitude, mas foi vetado pelos padres. Carmela permaneceu anos longe da instituição, até ser readmitida nas Filhas de Maria, pois manteve *boa conduta* e porque “os padres deixaram a medida dos cabelos de lado” (FACCHINI, 2017, p. 97). A entrevista foi um dos últimos registros da senhora de 81 anos, já que esta veio a falecer um mês após a defesa em banca do curso de Jornalismo.

Ao entrevistar mais de 30 mulheres da comunidade neotrentina, percebe-se que as particularidades e lembranças de uma determinada época não são apagadas. É emocionante para essas entrevistadas lembrar-se dos tempos em que não podiam andar de bicicleta, pois as pernas podiam aparecer e chamar atenção. Da mesma forma ocorria com o cabelo: nenhuma Filha de Maria podia *encrespar* ou cortá-lo. Este servia de *proteção* para disfarçar o corpo das jovens moças. Os vestidos ou saias precisavam ficar em cima da *canela*, e as mangas das blusas deveriam ser costuradas até o punho. Empenho para as mães daquelas moças, que naqueles tempos faziam as roupas em casa, longe de alfaiatarias que cercavam as áreas centrais do município, além de dar conta do trabalho na roça e do cuidado com os filhos pequenos.

Em relação ao cuidado com as vestimentas, o relato de Antonieta Cadorin Marchi chama a atenção. Ela se dedicou e ainda se dedica ao ofício de costureira em Nova Trento, cujos ensinamentos foram repassados por sua mãe, Josefina Cadorin. Mas, em virtude do cerceamento da Igreja Católica, Antonieta se dedicou apenas a costurar camisas e paletós masculinos.

Por causa do medo dos padres, ela jamais se atreveu a fazer vestidos e outros artigos para mulheres. Soava em seus ouvidos a advertência de que as costureiras que fizessem blusas decotadas iriam mais cedo para o inferno. Então, deteve-se somente aos paletós e camisas masculinas, que ficaram famosas em todo o Estado. Até hoje ela é conhecida em Nova Trento como a “mulher das camisas” (FACCHINI, 2017, p. 82).

Um dos acontecimentos que as entrevistadas mais sentem saudades e que não puderam prestigiar quando moças, eram os jogos de futebol. Os times do município de Nova Trento se reuniam no campo da Sociedade Humaitá, no centro, mas elas jamais poderiam assistir aos jogos. “O padre dizia: Deus me livre se vocês

vão apreciar o jogo de futebol. Não pode! Mas era o rigor da Congregação”, relembra uma das entrevistadas, Maris Stella Cadorin Dalri (FACCHINI, 2017, p. 58). Mantê-las longe dos olhares masculinos também fazia parte das normas estabelecidas para as integrantes da Pia União das Filhas de Maria.

Outra proibição que inibiu muitas moças solteiras de Nova Trento eram as danças. Os bailes promovidos por pessoas *de fora*, ou seja, por quem não era do município, contagiavam as jovens da época. Porém, a Igreja e a família informavam que as festas eram *obras do demônio* e que elas deveriam manter-se afastadas daqueles locais. Algumas conseguiam escapar dos olhares rígidos e participar das festanças. Outras, ainda, eram acobertadas pelos padres, pois mantinham uma tradição dentro da instituição. Já as demais eram expulsas e ignoradas.

Uma das entrevistadas, Maris Stella Cadorin Dalri foi uma daquelas que burlou a regra de não poder dançar, mas não recebeu punição, como consta no relato. “Mas uma noite eu fui dançar. Não podia, mas eu fui. A minha mãe falou: ‘se tu fores expulsa das Filhas de Maria eu te quebro das pernas’” (FACCHINI, 2017, p. 61). Assim, o pequeno grupo combinou de dançar e fingir que nada tinha acontecido. A resolução da história vem a seguir:

Na reunião das Filhas de Maria o padre chamou nossa atenção: ‘teve algumas meninas que estavam dançando nesse último fim de semana’. O padre passou perto e nós e todas falamos: eu não dancei, eu também não e eu também não. Quando o padre José da Poian passou perto de mim ele disse: ‘tu não tem cara de quem dançou’ – e me deu um beliscão no braço. Ele gostava de mim e me defendeu”, recorda dona Stella. (FACCHINI, 2017, p. 61).

Mas, há que citar, que esses casos eram exceções. Geralmente uma Filha de Maria que desobedecesse às regras era expulsa da instituição. Além do fato de não poder dançar, as jovens eram rigorosamente vigiadas e controladas pela Igreja e pela família. Esses fatos são comprovados nos livros de atas da instituição.

Entre as que não puderam integrar o quadro da União está Rosália Dalprá. O registro é de outubro de 1905 e leva como justificativa o fato de a moça ser ‘muito viva, pouco quieta na igreja e “fa matiere” (assanhada), como dizem, com os rapazes. Outra é Maria Andreghettoni porque era “pouco quieta na igreja, de língua comprida e facilmente responde à avó, à mãe, aos irmãos”. Aparecem ainda Maria Voltolini e Stedile Agnese porque “lêem

muito pela estrada”, e Asselina Tolomeotti porque “responde à avó, à tia e diz ‘brutte parole’ (palavrões)”. (FACCHINI, 2017, p. 55).

Por meio destes depoimentos que constavam nas atas, é possível perceber que, além de controlar o comportamento das jovens moças, a Igreja também estava atenta aos hábitos de leitura. É possível comprovar isso ao ler os registros das recomendações, datado de dezembro de 1904, que as limitava a fazer as orações e a ler os manuais das Filhas de Maria, conforme está especificado nas páginas 65 e 66 do livro *Devote della Vergine*:

2º Procurem ainda ler um pouco de catecismo. 3º Nos domingos procurem fazer entre vocês também um pouco de reunião (veja manualzinho, p. 49). Quanto a leitura das quais se fala a página 50 se pode ler o manualzinho, capítulo 1º e capítulo 4º, pág. 63-70 ou outro livro, da vida de qualquer santo, etc. (FACCHINI, 2017, p. 66)

Como alternativa para *fugir* do crivo dos pais e da Igreja, bem como do trabalho da roça, as meninas, ainda crianças, decidiam seguir a vocação religiosa. Aquelas que não participavam da Pia União das Filhas de Maria, migravam para a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (fundada por Santa Paulina). Não é difícil perceber que inúmeras famílias neotrentinas possuem padres e freiras. Acredita-se que, numa tentativa de permanecerem longe do trabalho pesado, essas pessoas optavam pela vida religiosa: lá teriam estudo e comida farta – o que na maioria das vezes não ocorria nas comunidades do interior de Nova Trento. É o caso de Mafalda Isabel Cadorin Marchi, que ingressou na Congregação e, quando estava para alcançar o posto de noviça, resolveu desistir. Jamais pensou em permanecer solteira e, tão logo, arrumou casamento. “A gente tinha que pensar num futuro, porque ficar solteira era ruim para uma moça de família” (FACCHINI, 2017, p. 60).

Se a moça não continuasse na Congregação, permanecia como Filha de Maria até arrumar casamento. Quando firmavam relacionamento com algum rapaz *de família*, elas eram orientadas pela Igreja a ingressarem no Apostolado da Oração, outra entidade com mais de 130 anos de existência em Nova Trento. O Apostolado, da mesma forma que a Pia União das Filhas de Maria, tem como símbolo uma medalha pendurada numa fita vermelha. A única diferença é que as das Filhas de

Maria eram na cor verde ou azul. Esta última fita, um pouco maior, as moças recebiam como prova de que se mantiveram obedientes aos pais e a Igreja por certo tempo.

Para adquirir a fita vermelha do Apostolado da Oração, sejam estas mulheres ou homens, era necessário comparecer às missas nas nove primeiras sextas-feiras do mês. Depois desse período, poderiam continuar atuando na entidade. Essa tradição ainda é propagada nos dias de hoje em Nova Trento, mas não é cobrada de forma rígida como outrora. Eles possuem como objetivo principal a adoração ao Sagrado Coração de Jesus e rezam pela conversão dos pecadores. (FACCHINI, 2017, p. 95).

Há quem pense que as instituições religiosas terminam por aí. Enganam-se. A Cruzada Eucarística, entidade que mantinha as crianças após a primeira comunhão e a Congregação Mariana, dedicada também aos homens, estiveram presentes na sociedade neotrentina. Quase todas as citadas no texto foram enfraquecendo com o passar dos anos e extinguiram-se assim que vigoraram as novas ordens do Concílio Vaticano II, na década de 1960. Os padres voltaram-se para o povo, pois antes as missas eram rezadas de costas para o público; o hábito das freiras (em muitas congregações) foi dispensado e o Latim também não era mais obrigatório.

Por isso, é importante observar que as histórias dessas mulheres são únicas desse determinado período. Sem os depoimentos dessas pessoas a narrativa do livro *Devote della Vergine* e a pesquisa para a dissertação de mestrado não seriam possíveis. Portanto, elas são protagonistas desse processo na construção social e da forte religiosidade de Nova Trento. Esse olhar sensível perante a sociedade foi possível graças aos ensinamentos da professora e jornalista Elaine Tavares. Em seu livro, *Jornalismo nas Margens*, ela afirma que,

é a capacidade de ver o invisível que precisamos perseguir, entendendo que o invisível não é aquilo que não existe, mas o que sempre esteve ali e nunca vimos, porque não fomos capazes de olhar com os olhos da ternura, do amor, do vivo interesse. (TAVARES, 2004, p. 17).

Esse olhar sensível não havia passado perto dessas mulheres neotrentinas. As vozes embargadas, muitas vezes contendo ainda receios e medos, precisavam ser ouvidas, ganhando novos contornos. As Filhas de Maria, até então, seguiam os

preceitos da Igreja católica, apostólica, romana, para quem a melhor mulher sempre foi aquela “de quem menos se fala, menos se olha e menos se ouve falar.” (RANKE-HEINEMANN, 1999, p. 143). Segundo Michelle Perrot, durante muito tempo o relato histórico se esqueceu das mulheres, relegando-as a um silêncio ensurdecedor (PERROT, 2005, p. 9). Este *silêncio* só foi rompido depois da década de 1960 do século 20, mesmo período que marca o fim da Pia União das Filhas de Maria, em Nova Trento-SC.

No mestrado em Ciência da Religião que se inicia agora, esta pesquisa ganha novo corpo, com novas abordagens e consistência teórica que a graduação em Jornalismo não proporcionou. Além de Perrot, que faz refletir sobre a “a desigualdade sexual e a marginalização ou desvalorização das atividades femininas” (PERROT, 2005, p. 12), Michel Foucault traz elementos significativos sobre a questão da disciplina e do poder.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. (FOUCAULT, 1987, p. 143).

Enfim, dar vez e voz a estas mulheres do município de Nova Trento é o grande ganho dessa pesquisa. Por meio de suas histórias de vida, elas podem proporcionar uma reflexão sobre a religiosidade e sobre a história social e de mulheres do século 20. Mulheres de Nova Trento e de outros contextos, tão longe e tão perto de nós. Geográfica e afetivamente.

Referências

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 7ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CADORIN, Jonas. *Nova Trento outra vez*. Nova Trento: Prefeitura Municipal, 1992.

CIIC – Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. [online] Disponível em: <http://www.ciic.org.br/rede/index.php/quem-somos/principal/quem-somos>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

DALRI, Maris Stella Cadarin, 79 anos. *Entrevista*. Entrevista concedida a Elis Facchini. Nova Trento, 2005.

DELL'ANTÔNIA, Carmela Ceccato, 81 anos. *Entrevista*. Entrevista concedida a Elis Facchini. Nova Trento, 2005.

FACCHINI, Elis. *Devote della Vergine*: histórias de mulheres em Nova Trento. Tradução de Juliano Martins Mazzola. Nova Trento: Universidade do Vale do Itajaí, 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou Morrer*: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. PAS - Pesquisa Anual de Serviços, 2017. [online] Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?t=destaques&c=4211504>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

MARCHI, Antônia (Antonieta) Cadorin, 70 anos. *Entrevista*. Entrevista concedida a Elis Facchini. Nova Trento, 2005.

MARCHI, Mafalda Isabel Cadorin, 75 anos. *Entrevista*. Entrevista concedida a Elis Facchini. Nova Trento, 2005.

MARQUES, Ana Maria. *Nova Trento inCanto de fé*. Itajaí, Editora da UNIVALI, 2000.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC; 2005.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus*: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1999.

RUBERTI, Débora Izabela. *Vassoura, remédio e rosário – Memórias dos idosos de um 'mundo fantástico' em Nova Trento*. Monografia para graduação em História, Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí, 2002. Orientação de Francisco Braum Neto.

RUBERTI, Vanessa Célis. *Per fare l'América: uma história de sonho, trabalho e fé*. Projeto para conclusão do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), Itajaí, 1999. Orientação de Jane Cardozo da Silveira.

SILVA, Marilda R. G. Checucci Gonçalves da. *Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí*. Campinas, SP: Editora da FURB/Editora da Unicamp/Centro de Memória da Unicamp, 2001.

TAVARES, Elaine. *Jornalismo nas margens*: uma reflexão sobre comunicação em comunidades empobrecidas. Florianópolis: Companhia dos Loucos, 2004.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*: história oral. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1998.